

A força da propaganda educativa

Carlos Pontes

Enquanto antigamente as mudanças dos hábitos da população urbana levavam séculos, décadas para acontecer, atualmente, devido à força dos veículos de comunicação de massa, o comportamento social de uma cidade ou de um Estado ou país pode mudar em anos ou até em meses.

Desde que haja uma pré-disposição por parte da população, os hábitos sociais podem mudar rapidamente, como ocorreu em Brasília no caso da campanha "A Paz no Trânsito", que fez com que a cidade tomasse a dianteira das cidades brasileiras em termos de respeito dos motoristas pela prioridade dos pedestres que atravessem a faixa.

Brasília, de repente, de cidade corrupta, como era tida pelos brasileiros, que confundiam a imagem dos políticos com a imagem da cidade, passou a ser uma referência nacional em matéria de educação no trânsito, sendo rotulada como a "Suíça do Cerrado", como a designou o jornalista Roberto Pompeu de Toledo, em artigo de duas páginas no Ponto de Vista, na *Veja*, que habitualmente é só uma página.

A tal ponto chegou a ser deteriorada a imagem de Brasília lá fora que um Ministro do Tribunal Superior do Trabalho chegou a ter o carro oficial apedrejado, numa praia, em Santa Catarina, onde

brincava de férias com o dinheiro dos contribuintes. Era a época da caça às bruxas e Brasília pagava o pato por causa de uma minoria de privilegiados que abusavam da condição de marajás estatais.

Bem, graças a Deus esta imagem está mudando e poderá vir a mudar ainda mais se o Governo do Distrito Federal investir em campanhas educativas desta natureza.

Vejam bem, diariamente, vários servidores da limpeza pública, os chamados garis, são designados para uma função prosaica: em vez de recolher o lixo nas lixeiras, como faz habitualmente a maioria dos seus colegas, eles, de posse de um pedaço de ferro, vão espetando os papéis jogados nas ruas pelos moradores, principalmente pelos motoristas. São papéis de cigarros, embalagens de chicletes, de sucos, de sanduíches e outras guloseimas que as pessoas vão comendo por aí e jogam nas ruas, ou porque não existem lixeiras públicas em quantidade suficiente ou porque a população não tem o hábito educativo dos países mais desenvolvidos de guardar os pe-



O comportamento social de uma cidade ou de um Estado ou país pode mudar em anos ou até em meses

quenos papéis até no bolso para jogar na próxima lixeira.

Na pista que vai do Palácio do Buriti até Taguatinga, a EPTG, passando pelo Setor Gráfico, Setor Sudoeste, Setor de Indústrias, Guará, talvez porque é também o itinerário da passagem do carro do governador - em toda a cidade o caminho por onde passa o governador é mais limpo do que os outros, é privilegiado, isto é uma tradição brasileira - os garis

diariamente fazem este trabalho.

Brasília já dispõe de uma legislação local, de autoria do deputado

Rodrigo Rollemberg, que multa quem atirar lixo nas ruas. Mas a lei não "pegou", como muitas leis no Brasil, por falta absoluta de lixeiras públicas em quantidade suficiente - teria que haver lixeiras de cem em cem ou de cinquenta em cinquenta metros, nas vias públicas, como em Miami, Paris, Nova York. E isto o Governo do Distrito Federal não tem recursos para implantar.

Por isso, estamos sugerindo ao Governo do Distrito Federal um projeto que transfira à iniciativa privada a instalação das lixeiras públicas, o que pode ser feito com a exigência das li-

xeiras por ocasião da concessão do alvará de construção, do alvará de funcionamento e outras formas de exigências. E seja acompanhada de uma campanha educativa que oriente a população a preservar a cidade limpa.

Com isso, Brasília poderá passar a ser uma referência nacional em matéria de limpeza pública, destacando-se como uma das cidades mais limpas do Brasil, talvez a mais limpa. Temos todas as condições para isso, e os brasilienses já deram demonstração de que desejam ser politicamente corretos. Agora que o novo Código Nacional de Trânsito incorporou a multa para quem jogar lixo nas ruas, é hora de se pensar nesse assunto.

Outra área em que a propaganda tem uma força educativa incomensurável, ainda não usada pelos governos de forma criativa e convincente, é a de educação para a convivência urbana. Uma campanha de desarmamento da população, por exemplo, só dará resultados se houver uma educação da comunidade para um desarmamento dos espíritos, para o resgate de valores, como as relações de vizinhanças, os hábitos de gentilezas urbanas, convivência social como irmãos e não como inimigos. Brasília é uma seara propícia para a implantação de um novo *modus vivendi* urbano, poderá ser uma referência nacional em termos de paz urbana.

* Jornalista, publicitário e diretor da Associação Comercial do DF